

# PEDRO DE TOLEDO

Celso Maria de Mello Pupo

I

Modesto e recolhido, vivia no Rio um aposentado diplomata brasileiro. Sua maturidade a contar trabalhos pela pátria; sua vasta cultura iniciada nos bancos acadêmicos do Largo São Francisco e avolumada pela advocacia que se notabilizara e pelo voejar literário nos conhecimentos gerais e diplomáticos, floriavam uma velhice austera num aconchego feliz e risonho da família, com a grácil netinha e sobrinhos queridos. Assim vivia Pedro de Toledo.

Sua terra, entretanto, se agitava; as transformações políticas de 1930, continuando um ciclo doloroso da vida paulista que se havia seriamente abalado com a crise cafeeira de 1929, marcou um caminho torturante para o povo de São Paulo. Nosso Estado calou-se em 1930; a primeira tentativa de uma colaboração de paulistas com o novo governo, fracassou com o secretariado de quarenta dias. São Paulo foi ocupado deixando de ser um irmão entre os demais Estados da Federação, suspeitos todos os seus filhos que passaram a ter, por intensa propaganda, o injusto epíteto de separatista. Assim tratado, não lhe podia sorrir a vida; e seu viver foi agrio e de sobresaltos.

Quasi dois anos de governo inábil, inexperiente e confuso; de prevenções e desconfianças lastreadas pela ambição de mando de elementos desafeitos a posições tais, de fora ou de São Paulo, como um oficial de cavalaria da Fôrça que aspirava seu domínio pessoal quando — se lhe sobravam as qualidades de cavaleiro, mingavam-lhe as de cavalheirismo político e de saber; em ambiente bafejado pelo hábito maldoso de uma desforra, conduziam São Paulo ao desespero. E a conformidade fenecia; a revolta se espalhava pela população; não eram mais os políticos decaídos; não só os venturosos de dias anteriores que viram trocadas as suas posições; não só os iniciados na vida administrativa extinto, os que sentiam, não as diferenças de mutação governamental, mas o poderio de uma chefia de vinda.

A reação germinou. O silêncio, a paciência, a submissão, se transformavam. Nasceu o sentimento de revolta, espalhou-se, cresceu, contagiou, dominou; São Paulo inteiro passou a conspirar, não no recôndito das reuniões secretas ou nos lares sob luzes mortíferas para ocultação; São Paulo conspirou abertamente, nas praças, nas ruas, nos bondes, nos transportes intermunicipais, nas repartições públicas, nas fábricas, nos escritórios, nas igrejas, nos divertimentos, nas escolas! São Paulo inteiro só tinha um pensar, um

sentir, um palpar de coração bandeirante, quer seus homens tivessem nascido nos mais longínquos Estados brasileiros, quer tivessem nascido em países estrangeiros. Todos ficaram paulistas, todos viveram e agora sofriam com São Paulo.

E as vagas da revolta se avolumaram; cresciam ameaçadoramente; nada mais as continha, como um oceano que se agita, que se agiganta, que levanta suas ondas desconcomuns para tragar a terra que supõe contê-lo. Era irreprimível; só um mar de sangue barraria o paulista na sua reivindicação de volta ao regime da lei, da Constituição, da igualdade dos Estados.

O governo provisório da República que se firmara em bases ditatoriais, com a inteligência e habilidade do seu chefe, bem sabia compreender a gravidade da hora; procurou revolve-la, atendendo à primeira aspiração do Estado, de um interventor civil e paulista. A farda e a naturalidade, por culpa de poucos, eram, agora, mau presságio em nosso Estado que nunca havia distinguido o civil do soldado, e que sempre bem acolheu seus irmãos de outros Estados.

Nas cogitações de pacificar, o governo da República descobriu Pedro de Toledo, paulista de nascimento e de tradição. Era ele filho do capitão do Exército Manuel Joaquim de Toledo e de D. Ana Inocência Barbosa; neto paterno do conselheiro do Império Joaquim Floriano de Toledo que foi secretário particular do Imperador Dom Pedro I, deputado geral que presidiu a antiga província de São Paulo como seu vice-presidente.

Formado em direito pelas Arcadas, Pedro de Toledo advogou, de início, em Minas Gerais, em São José de Além Paraíba, voltando a São Paulo para ter uma notável banca de advocacia, companheiro que era do seu cunhado o grande juriconsulto Gama Cerqueira. Republicano histórico, exerceu vários encargos de confiança do governo, tendo sido, durante a revolta da Armada em 93, comandante superior da Guarda Nacional. Foi deputado estadual e, depois, ministro da Agricultura de 1910 a 1913, quando a República o nomeou para o cargo diplomático de ministro residente em Roma.

Permanecendo nesta carreira, foi ministro plenipotenciário na Espanha e embaixador na Argentina. O término de sua carreira, foi altamente honroso: em Buenos Aires, como em outras capitais nas quais servira, Pedro de Toledo era sempre o brasileiro solícito, afável e dedicado aos compatriotas que dele necessitavam; assim, também tratou exilados envolvidos em rebeliões

no Brasil, sem distinguir, pelas suas opiniões políticas, seus irmãos brasileiros aos quais mingavam os meios de substituir em país estrangeiro.

Contrariou, com este humano proceder, o governo brasileiro de então, o que, constatado por ele, levou-o à nobre atitude de renunciar seu posto na diplomacia brasileira, perdendo com isto, o Brasil, um digno e valioso elemento na sua representação do exterior.

Não poderia pois, nas agitações que precederam à revolução de 1932, escolher melhor o governo brasileiro, civil e paulista como reclamara a gente deste Estado. Mas era tarde demais. São Paulo já não mais se contentava com o civil e paulista; São Paulo, agora, ansiava pela Constituição que faria cessar de modo completo as suas agruras; São Paulo queria a justiça de governar-se como fizera dentro da Federação, e tinha, para credenciar-lo, tantos feitos de sua história, no Brasil província portuguesa, no Império e na República que teve em São Paulo seu grande baluarte da fundação, e da consolidação firmada por Floriano Peixoto em 93. E a experiência com civil e paulista, já havia fracassado com o sacrifício do grande juiz Laudo de Camargo.

Pedro de Toledo foi empossado como interventor em São Paulo, aos 7 de março de 1932. Ausente do seu Estado, não conhecia bem o campo onde vinha atuar como mandatário do governo ditatorial e onde foi recebido com reserva e desconfiança, quando seu propósito era beneficiar São Paulo, deslembado, para felicidade de sua missão, das desilusões e "despistamentos" que acabaram por destruir nos paulistas qualquer esperança de articulação com os homens da revolução de 30. E os primeiros passos de Pedro de Toledo para harmonização com estes homens, afastou toda colaboração paulista, enquanto os homens de 30 não pretendiam secunda-lo, mas domina-lo para satisfação das velhas aspirações. E a deslealdade se desvendou mostrando a Pedro de Toledo a justiça da desconfiança e da intranquilidade de São Paulo. Cedo, em novo convívio com os seus co-estaduanos, ele se tornou um revolucionário paulista da primeira linha, armado cavaleiro da revolução setenta e oito dias depois de receber a incumbência do governo do país.

E hoje cumpre-nos indagar: quem, como mandatário do ditador, teria tido a coragem de reconhecer a legitimidade da revolução de São Paulo e de se transformar em legítimo revolucionário, consciente, sábio e serenamente como fez este homem providencial?